

## Thomas Kuhn: historiografia da ciência com estrutura circular?

Débora de Sá Ribeiro Aymoré

Universidade de São Paulo/USP-CNPq

Thomas Kuhn apresenta na obra *A estrutura das revoluções científicas* (1962, a seguir apenas *Estrutura*) e em publicações posteriores análise da ciência que recebeu a classificação geral de filosofia histórica da ciência. Esta classificação se deve em parte a sua caracterização sobre o desenvolvimento da ciência, devido à ênfase que este autor apresenta ao analisar a ciência a partir da perspectiva histórico-factual das mudanças nas comunidades científicas e, em parte, ao contraste que Kuhn pôde estabelecer entre sua concepção do desenvolvimento da ciência e as tradições epistemológicas anteriores, especialmente a do empirismo lógico e do racionalismo crítico. Propomos, neste trabalho, a consideração quanto a se a estrutura proposta por Kuhn para o desenvolvimento da ciência, que, como sabemos, segue a sequência ciência normal, ciência extraordinária e revolução científica (desenvolvimento este que se dá após a superação do período pré-paradigmático), apresenta *estrutura circular*. Na história geral, a ideia de circularidade é usualmente atribuída à Antiguidade, pois historiadores afirmam que os gregos tinham uma percepção de tempo circular, tal como no caso do retorno ao mesmo que é próprio do pensamento mitológico, o que só teria sido modificado na Idade média, com introdução das ideias de tempo linear e de sucessão temporal. Assim, consideraremos determinada historiografia circular, no caso de o historiador definir, na análise de seu objeto de investigação, um *retorno*, o que, na historiografia da ciência kuhniana, poderia ser representado por retorno ou à revolução científica ou à ciência normal. Apesar da importância que Kuhn atribui tanto ao período de ciência normal, quanto à revolução científica, não nos parece claro se existe, de fato, a ideia de retorno circular em sua historiografia da ciência. A relevância na determinação da circularidade se deve à relação deste pressuposto historiográfico com outros, tal como a maneira como se dá o aparecimento do novo na história. Em nossa análise das obras de Kuhn, enfrentaremos duas dificuldades: a primeira de que sua concepção de ciência prescreve que a pesquisa científica é pautada nos paradigmas, ou seja, conjuntos compartilhados de pressupostos metodológicos, valorativos e linguísticos, conjuntos estes que podem variar (e efetivamente variam) ao longo da história da ciência. Desta maneira, os critérios de avaliação do desenvolvimento da ciência também se modificam, tornando mais complexa a tarefa de determinação do progresso na ciência pelo historiador. Ademais, a segunda dificuldade está em que, em termos historiográficos, Kuhn sugere relação entre a filosofia da ciência e a narrativa histórica, de tal maneira que a ciência pode ser analisada de modo *internalista* ou *externalista*. Em que pese estes dois elementos de dificuldade, parece-nos claro que, para

Kuhn, a mudança na ciência não é aleatória. A questão a que visamos elucidar é até que ponto a regularidade nas mudanças na ciência indicam um retorno à ciência normal, o que, neste caso, implicaria que a tradição e a estabilidade dos pressupostos de pesquisa seriam elementos mais importantes para a análise da ciência do que os elementos externos que podem vir a influenciar o desenvolvimento da ciência.